

“NEOLOGISMO”, DE MANUEL BANDEIRA: DA ANÁLISE GRAMATICAL À LEITURA LITERÁRIA

HildeniaOnias de SOUSA
hildeniaonias@gmail.com
Faculdades Integradas de Patos

Observando-se o poema “Neologismo”, de Manuel Bandeira, em alguns manuais didáticos, percebe-se que o tratamento que lhe é conferido não favorece a formação do leitor de poesia, uma vez que, quase sempre, ele é usado como pretexto para o ensino de estruturas gramaticais. Com base nos estudos de Arrigucci Jr. (1983, 1990 e 1997) sobre a poesia de Manuel Bandeira, e Pinheiro (2002) sobre o ensino de poesia, faz-se uma discussão a respeito do uso inadequado desse poema no livro didático, bem como alguns procedimentos metodológicos são sugeridos com o intuito de contribuir para o trabalho do professor com a poesia em sala de aula.

INTRODUÇÃO

Na nossa prática como professora, dos ensinos Fundamental e Médio, temos nos deparado com situações em que o texto poético é tratado como pretexto para que o aluno localize informações óbvias, que não o levam ao desenvolvimento da sensibilidade para tal tipo de texto. Essa prática é comum nos livros didáticos, mesmo naqueles considerados bons.

No presente trabalho, será feita uma discussão sobre o poema Neologismo, de Manuel Bandeira, face ao tratamento que lhe é dado no livro didático *Português: linguagens -8ª série*, cujos autores são William Roberto Cereja e Tereza Cochar Magalhães. Ainda que seja considerado um livro didático de qualidade, quando se refere à abordagem dada aos poemas, o manual recai no mesmo equívoco tão recorrente em tais livros. Assim, o poema Neologismo é usado para que o aluno “aprenda” sobre Processos de Formação de Palavras, mais precisamente sobre o Neologismo na perspectiva do formalismo da língua.

Uma leitura literária do poema aproveitaria aspectos importantes como a poética de Manuel Bandeira no que tange ao cotidiano, à efemeridade da vida, à simplicidade.

O trabalho linguístico que é feito pelo autor e a simplicidade não são gratuitos, mas podem ser relacionados às rupturas modernistas. Nessa ótica, “inventar palavras” não é fazer exercícios de formação de palavras, mas refere-se ao próprio fazer poético.

APRESENTANDO E DISCUTINDO O POEMA

NEOLOGISMO

Beijo pouco, falo menos ainda.
Mas invento palavras
Que traduzem a ternura mais funda
E mais cotidiana.
Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.
Intransitivo:
Teadoro, Teodora.

Manuel Bandeira

O poema “Neologismo” é parte integrante do livro *Estrela da Vida Inteira*, datado de 25/02/1947. Os quatro primeiros versos estão ligados à poética de Bandeira. Percebemos que os traços que revelam a “humildade e o cotidiano” estão visivelmente presentes através das palavras “pouco”, “menos”, primeiro verso, e “ternura” e “cotidiana”, no terceiro e quarto versos respectivamente.

O primeiro e o segundo versos podem traduzir a própria poética do autor, na qual percebemos a condição humana face à enfermidade (tuberculose) da qual era acometido (primeiro verso) e o fazer poético (segundo verso). “Beijar pouco” e “Falar menos ainda” são expressões que se configuram como marcas linguísticas que apontam para uma situação de debilidade ou de timidez. “Mas invento palavras” – uma representação metafórica do fazer poético, como uma atividade com a qual o poeta mantém-se produtivo apesar da doença, ou se torna produtivo, na arte de fazer poemas por causa dele. Isso, no caso de Bandeira, não incorre no biografismo. Nessa perspectiva, Arrigucci Jr (1990, p. 111) diz:

[...] a tuberculose, se, por um lado, tolheu a ação, por outro, instigou o voo da imaginação, solta no ócio; criou espaço para a disponibilidade da criação, ao mesmo tempo que amarrou o criador à disciplina ascética da sobrevivência, impondo-lhe, de quebra, temas como a morte.

“Neologismo” não traz a morte como tema, como acontece em outros poemas de Bandeira, mas o viés estóico está presente. Comparece no texto a atitude de tirar do sofrimento a sabedoria que cria, que dá vida às palavras, fazendo-as traduzir com profundidade “a ternura mais cotidiana”.

Ternura essa, também presente, em “Minha Grande Ternura”:

[...]
Minha grande ternura
Pelas mulheres que foram meninas bonitas
E ficaram mulheres feias;
Pelas mulheres que foram desejáveis
E deixaram de o ser;
Pelas mulheres que me amaram
E que eu não pude amar.

A ternura aparece como uma expectativa de vida, como um alento que brota quando se percebe a degradação do humano, seja pela doença ou pela velhice. A grande ternura do eu lírico acaba sendo pelas mulheres que ficaram feias; pelas que deixaram de ser desejáveis; por aquelas que o amaram, mas ele não pôde amá-las.

Nos três últimos versos do poema Neologismo, percebemos que há uma desestabilização do formalismo da língua. O eu lírico faz um jogo com o título do poema, em cujos versos podemos entender o sentido da palavra “Neologismo” recriado pelo verbo inventar, que por sua vez, é exemplificado pela nova palavra que ele cria: o verbo “Teadorar”. Em um tom de humor, ele produz um verso com uma única palavra: Intransitivo, remetendo à predicação verbal tratada pela Gramática Tradicional e à fidelidade do eu lírico à adorada Teodora.

O POEMA NEOLOGISMO NO LIVRO DIDÁTICO

No item “Linguagem e Interação” do livro didático *Português: linguagens – 8ª* série de William Roberto Cereja e Tereza Cochar Magalhães, encontramos o poema em estudo, proposto da seguinte forma para o aluno¹:

LINGUAGEM E INTERAÇÃO

¹ As indicações em negrito correspondem às respostas que o livro do professor apresenta.

Leia este poema para responder às questões de 1 a 3:

Beijo pouco, falo menos ainda.
Mas invento palavras
Que traduzem a ternura mais funda
E mais cotidiana.
Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.
Intransitivo:
Teadoro, Teodora.

Manuel Bandeira

1. O título do poema é “Neologismo”.

a) O que quer dizer essa palavra? **Palavra nova criada normalmente para designar uma ideia ou um objeto novo.**

b) Que palavra do poema justifica esse título? **O verbo teadorar.**

2. O eu lírico afirma que o verbo **teadorar** é intransitivo. Observe que “dentro” do verbo está o nome da mulher amada do eu lírico. Por que o verbo é intransitivo? **Porque para esse novo verbo não há objeto; a mulher amada só pode ser a própria Teodora, palavra subentendida no radical e expressa no vocativo.**

3. Agora é a sua vez de inventar palavras. Se quiser, empregue alguns destes prefixos: **an** – (privação negativa), **hiper** – (posição superior, excesso), **hipon** – (posição inferior, escassez), **ultra** – (além de), **supra**- (posição superior, excesso). E alguns destes sufixos: **-dor** (agente), **-eiro** (agente, intensidade, ofício), **-ado** (ação, golpe).

Crie neologismos para dar ideia de:

a) Pessoa que beija pouco

d) pessoa que fala pouco

b) Pessoa que beija muito

e) pessoa que sofre de amor não correspondido

c) Pessoa que fala muito

f) pessoa apaixonadíssima **Respostas pessoais**

Verificamos que há um empobrecimento do tratamento conferido por esse livro didático com relação ao poema. Não houve nenhuma referência à poética de Bandeira. Não existem elementos trabalhados pelo texto que favoreçam o aluno à sensibilidade para a leitura do texto poético.

O sexto verso “Intransitivo” é tomado pelo livro didático como um pretexto para se definir o que é um verbo intransitivo. Nesse aspecto, a questão da literariedade é

desprezada, diríamos até, que sacrificada em detrimento de meras informações gramaticais.

Existem três aspectos de gramática explorados no poema: o significado da palavra *neologismo* (questão 1); a *transitividade verbal* (questão 2) e a formação de novas palavras pelos processos de *Prefixação* de *Sufixação* (questão 3). São apresentados alguns prefixos e sufixos com seus respectivos significados para que o aluno crie novas palavras a partir das ideias sugeridas pelos autores.

Colocando-nos no lugar do aluno para realizar essa tarefa, podemos perceber o quanto ela nos distancia do texto poético e da sua função.

A terceira questão, que se propõe a ser mais aberta ao aluno, acaba por se tornar uma prática sem significância para formação do leitor. Que contribuição, do ponto de vista literário, uma análise dessa natureza traz ao aluno? Provavelmente, em outro contato com o poema, em outra circunstância, ele vá lembrar que um dia o viu no livro didático quando estudou Formação de Palavras. E, provavelmente, o verso “Intransitivo” vá lhe lembrar somente o estudo gramatical da Predicação Verbal em que se afirma que o verbo intransitivo é aquele que tem sentido completo, portanto não precisa de complemento.

Essas análises, a nosso ver, são problemáticas, uma vez que tiram do aluno o direito que ele tem de mergulhar no universo de fabulação que o texto literário oferece; sobretudo, o texto poético. O que vemos nesse contexto é que o aluno ler o poema, mas é como se não tivesse lido. Dessa forma, é quase impossível esse aluno tornar-se sujeito de sua leitura.

Inadequados exercícios com o texto poético ou com qualquer outro gênero literário, ao invés de formar leitores competentes, acabam por colocá-los num paradigma do qual o aluno tenha grandes dificuldades de sair. E, o professor, enquanto sujeito facilitador da aprendizagem, pode se tornar um repassador desses exercícios. Isso por que a própria escolarização da leitura literária que tão bem trata Magda Soares em seu artigo “A escolarização da literatura infantil e juvenil” (EVANGELISTA, 1999) tem instâncias que acaba por prejudicar o fenômeno da leitura. Uma delas é o Livro Didático.

É imprescindível, pois, que o professor seja perspicaz e criativo para não se deixar conduzir por um processo inadequado de escolarização nem pelo excesso de didatismo ou pelo “didatismo emburrecedor” (Pinheiro, 2002, p.18). para esse pesquisador “a maioria dos professores de Português e Literatura não procuram

despertar o senso poético no aluno”, não se interessando por educar a sensibilidade do mesmo. De fato, trata-se de uma argumentação procedente, que confirmamos ao longo da nossa prática docente.

Podemos observar que os professores, em sua maioria, não são leitores de poesia; e quando o fazem em sala de aula, sequer, preocupam-se em realizar a leitura de forma adequada. Dificilmente o aluno se sensibilizará com a leitura de um texto poético em que ele não perceba a sensibilidade, do professor. Nesse âmbito, é importante pontuar o que diz Lajolo (2004, p.51).

Como os contatos mais sistemáticos que as crianças têm com a poesia são mediados pela escola (e não se tem como fugir a isso), e como é frequente que os textos mesmos bons sejam seguidos de maus exercícios, é bem provável que a escola esteja, se não *desensinando*, ao menos prestando um *desserviço* à poesia.

Acreditamos que a poesia é um caminho efetivo na formação do aluno/leitor. E, para tanto, o professor precisa, antes de tudo, acreditar que é possível sensibilizar o aluno, pois de alguma maneira, a poesia toca, mexe com as emoções. Basta que saibamos escolher bons poemas e criemos mecanismos metodológicos, os quais possam suscitar nos alunos o gosto pela poesia.

É importante pontuar que os livros didáticos de português, no geral, têm revisto o tratamento dado ao texto poético. O livro *Português: linguagens*, edição de 2012, do PNLD preparado para 2014, 2015 e 2016 não traz o Neologismo quando estuda os processos de formação de palavras, contudo, continua usando o texto poético para fins gramaticais. Pelo menos dez dos poemas que encontramos no livro são usados em exercícios puramente gramaticais.

A relação poesia e ensino não deve, necessariamente, está atrelada ao referido suporte. O professor pode planejar uma aula de leitura de poemas, levando em consideração os interesses dos alunos. Para isto, selecionar poemas pela temática é um exercício que pode render muito em sala de aula. Outro aspecto importante é fazer a leitura oralizada do(s) poema(s) escolhidos, obedecendo ao tom que cada poema pede. Como exemplo, podemos mencionar alguns poemas de Bandeira como “Trem de ferro” e “Os sinos”. O primeiro imprime uma leitura que represente oralmente o movimento de um trem. No segundo poema, há a representação do badalar de sinos em situações de alegria e de tristeza.

Como sugestões, recomendamos a formação de pequenas antologias poéticas. Como já mencionamos, isso pode ser feito pela temática. Por exemplo: poemas que falem da infância, de amor e de tantos outros temas ligados à vida cotidiana. Os poemas devem ser trabalhados (lidos, recitados) em sala, de modo que o aluno possa perceber que o poema é um texto diferente dos demais gêneros com os quais ele está acostumado. Depois da leitura oralizada, o professor pode falar da sua própria experiência de leitura com o poema, pode-se pedir para que os alunos digam o que acharam da leitura, falem sobre determinados versos. As opiniões dos alunos devem ser consideradas e até mesmo anotadas pelo professor para um posterior direcionamento de outras atividades. O professor pode, também, pedir para que o aluno escreva sobre sua experiência com o poema e, em seguida, recolher os textos. Esses textos dos alunos podem ser usados para o professor redirecionar sua prática ou ainda podem ser organizados em slides e comentados em sala.

A formação do aluno leitor de poesia depende muito da condução que o professor dará a essa prática. Nessa perspectiva, valorizar as experiências de leitura que o aluno traz para escola é muito importante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com a poesia, em sala de aula, merece ser revisto por professores dos ensinos fundamental e médio, uma vez que se trata de uma atividade que de alguma maneira sempre toca o aluno. Se não a todos, mas a uma boa parte desses alunos.

Pensando assim, na nossa caminhada como professora da educação básica, já passamos por experiências significantes com a leitura de poemas em sala de aula. Na maioria das vezes que o fizemos, não levamos a poesia inscrita no suporte livro didático. Podemos afirmar que quando o texto poético é saboreado fora desse meio, o efeito na sensibilidade do aluno é bem mais notável. Talvez porque os estudos de poemas em tais livros, já levem o aluno, de imediato, às questões, propostas para estudo. Não dando, desta feita, oportunidade para esse aluno dialogar com o texto, percebendo-o como um caminho de realização.

Acreditamos que um trabalho realizado com a poesia que leve a sério a metodologia empregada, dará bons frutos e formará mais alunos leitores desse gênero literário.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI Jr., Davi. **A beleza humilde e áspera**. In: o cacto e as ruínas. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1997.

_____. **O humilde cotidiano de Manuel Bandeira**. In: Schwarz, Roberto. Os pobres na literatura brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Humildade, Paixão e Morte: a poesia de Manuel Bandeira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da Vida Inteira**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1970.

CEREJA, William Roberto; Magalhães, Tereza Cochar. **Português: linguagens- 8ª série**. São Paulo: Atual, 2002.

_____. **Português: linguagens**. 9º ano. 7 ed reform. São Paulo: Saraiva, 2012.

EVANGELISTA, Aracy Alves M. et alli. **A escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1994.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 2. ed. João Pessoa: Idéia, 2002.